O poder do voluntariado na saúde

Conheça pessoas e grupos de apoio que doam seu tempo em hospitais da cidade, como Doutores com Riso e o SAV

» CARLOS SILVA

Em Brasília, a variedade das necessidades sociais, por vezes, cria desafios que parecem insuperáveis. No entanto, é justamente esse panorama que espelha a generosidade das ações voluntárias. Em particular, o trabalho nos hospitais da capital federal revela um lado humano e acolhedor. Entre jalecos e protocolos médicos, brasilienses de diversas partes do Distrito Federal dedicam-se a acolher pacientes, apoiar familiares e contribuir com ações que amenizam o impacto emocional de quem passa por longos períodos de internação.

Quando pensamos em pessoas que atuam em um hospital, a imagem que vem à cabeça é de minimalismo e roupas em cores suaves. Mas há quem escolha usar nariz vermelho, roupas coloridas e uma boa dose de empatia para oferecer alento a quem enfrenta dias difíceis. É o caso dos voluntários do Doutores com Riso, grupo que há quase 10 anos atua no Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB), levando leveza e humanidade a pacientes, acompanhantes e até profissionais da saúde.

Patrícia Andrade, 41 anos, coordenadora do grupo e também conhecida como "Dra. Zenhoca", conta que os integrantes atuam semanalmente com o objetivo de transformar a experiência hospitalar em algo mais leve. "O palhaço hospitalar não é apenas um agente de humanização, mas um verdadeiro promotor de saúde, com impactos positivos na redução da dor, na melhora do sono, da alimentação e até da imunidade das crianças", explica a bancária, que há oito anos faz parte do grupo.

Com uma escala organizada de plantões, os voluntários percorrem alas como internação, ambulatório, UTI e até setores administrativos. A preparação, no entanto, começa antes, com um curso de iniciação com mais de 70 horas. As aulas estão distribuídas em 26 horas de conteúdo a distância (on-line) e 44 horas presenciais. Além disso, há um período em que os alunos-voluntários vão ao hospital apenas como observadores e depois passam por outro período de atuação supervisionada no hospital. A partir daí, podem atuar em duplas.

Para Leandro Rito, 47, o "Dr. Sovaco", a motivação é algo simples e profundo: estar presente. "Às vezes, um olhar, um gesto simples ou uma risada partilhada é capaz de atravessar a dor e trazer um pouco de alívio, de humanidade", diz. Entre tantas histórias marcantes, os voluntários acumulam lembranças emocionantes, desde comemorar altas com piqueniques e aniversários até estar ao lado das famílias nos momentos mais difíceis. "Cada encontro deixa nosso coração mais forte e nos lembra por que escolhemos estar aqui", completa.

Minervino Júnior/CB/D.A Press

Irena Ortlieb: "Eles precisam de alguém que escute as mágoas deles"

Como se Inscrever

Serviço Auxiliar Voluntários (SAV)

» **Requisitos:** Ter disponibilidade de um turno semanal (segunda a sexta-feira). O turno escolhido deve coincidir com os horários dos grupos de trabalho.

» Comparecer à entrevista com mais de 18 anos e levar 1 foto 3x4.

» **Horário de Funcionamento do SAV:** Segunda a sexta, 8h às 12h; Segunda a quinta, 14h às 17h (sem atendimento sexta à tarde e final de semana).

» **Entrevistas:** Primeira quarta-feira de cada mês, das 10h às 14h.

» **Formulário:** Preencher o formulário online (https://forms.gle/NgyARVEsQs5RVdEZ6) antes da entrevista.

Doutores com Riso

» Participar do Curso de Formação de Voluntários da Abrace para conhecer a missão e se preparar.

» **Inscrição no Curso:** Por meio do site www.abrace.com

» **Acompanhamento dos Programas:** Redes sociais Instagram *@abraceoficial* e *@doutorescomrisooficial*.

Legado de cuidado

No epicentro da maior unidade de saúde pública do Distrito Federal, também pulsa um coração gigante, tecido por mãos que doam tempo, afeto e esperança: o Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) do Hospital de Base (HBDF). Presente na unidade de saúde há quase 60 anos, a associação se mantém como um farol de solidariedade, iluminando os corredores e leitos do hospital.

Movidos por um idealismo puro, esses voluntários tecem uma rede de apoio que acalma a dor. Terapias integrativas oferecem uma cura para uma alma ferida, enquanto o apoio ao leito traz a companhia que afugenta a solidão dos longos dias de internação. Corte de cabelos ainda resgatam a autoestima fragilizada pela doença. E kits de higiene representam um gesto de cuidado essencial.

A presidente da iniciativa, Vandelícia Rodrigues, 63, encontrou no voluntariado uma forma de realizar um antigo desejo. "Sempre tive muita vontade de fazer um serviço voluntário, mas devido ao trabalho e à família, fui adiando. Assim que me aposentei, fui atrás de um serviço que tivesse o meu perfil", conta. Desde então, são sete anos de atuação, sendo seis deles voltados ao setor de psiquiatria do hospital.

No setor de psiquiatria, por exemplo, atividades como a horta terapêutica ajudam a aliviar a rotina dos pacientes internados. "Teve uma paciente que acompanhou todo o ciclo da cenoura, desde a semeadura até a colheita. Fizemos um bolo de cenoura com cobertura de chocolate e distribuímos para todos. Foi muito especial", relembra Vandelícia, emocionada.

A aposentada Irena Ortlieb, 85, compartilha o sentimento da colega. A rotina da idosa durante as visitas é feita com sensibilidade e atenção aos pacientes. Para ela, escutar é o principal gesto de cuidado. "Eles precisam de alguém que escute as mágoas deles. Isso é importante", conta.

Mesmo com as limitações da idade, o sentimento de fazer diferença a move. "Saio daqui melhor do que eu entro. Saio cansada, mas talvez tenha feito alguém um pouquinho mais feliz", diz. Para ela, o trabalho voluntário é uma forma de manter o mundo mais humano. "Ninguém é uma ilha. Vivemos juntos. Temos que nos conectar e ver um pouco as necessidades do outro", conclui.

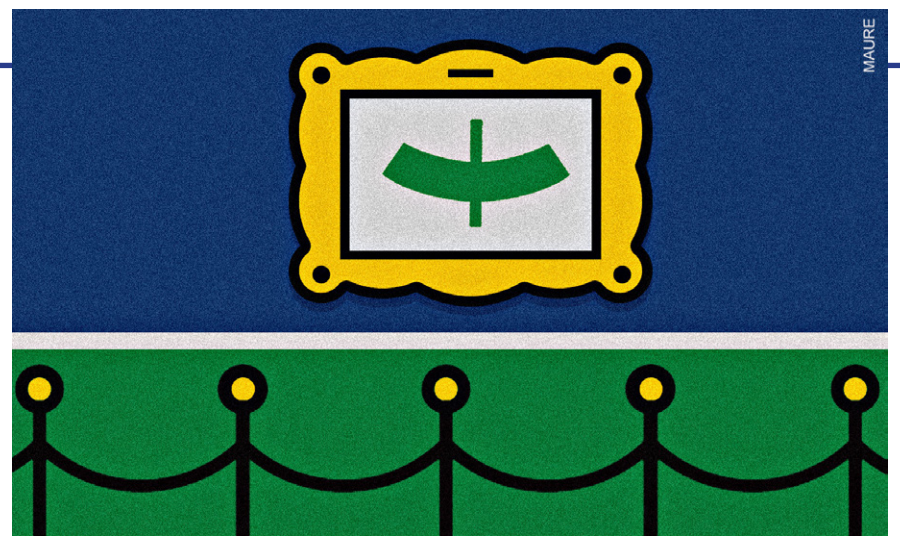
Doutores com Riso: o grupo que há quase 10 anos atua no Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB)

Luis Nova/Esp. CB/D.A Pres

Minha Brasília

NICOLAS BEHR

Braxília: Arte, não-poder



A arte é que vai dissociar Brasília da ideia de poder. Estigmatizada, nossa cidade carrega a mácula de ter sido capital antes de ser cidade. Sim, nossa relação com o poder é, portanto, umbilical, e disso não temos como fugir. Quando se pensa em Paris, lembra-se do Louvre; em Roma, do Vaticano; em Atenas, da Acrópole; em Madrid, do Museu do Prado; em Londres, do Museu Britânico; em Lisboa, do Mosteiro dos Jerônimos, e assim por diante.

Anos atrás, numa cidade nordestina, ao final de uma oficina de poesia, fui abordado por um presente: você é da terra do Renato Russo!!! Ops... uma nova referência para a nossa cidade. Renato como habitante de Braxília, essa cidade-além-da-utopia. Não-capital. Não-poder. O processo de dissociar Brasília da ideia de poder (insisto) já começou e vai levar séculos.

As grandes capitais do mundo começaram como aldeias. Nós começamos fruto de canetadas e decretos. Somos o maior museu de arte moderna a céu aberto do mundo. Mas isso ainda não sabemos. E aí vem o poder para fazer sombra à essa beleza incomparável. Felizmente fomos reconhecidos pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, senão o Plano Piloto já teria se tornado em uma Águas Claras com asas. Águas Claras é a anti-Plano Piloto por excelência. Mas ser Patrimônio Cultural da Humanidade tem seu preço: os brasilienses querem o bônus, sem querer pagar pelo ônus de ser uma cidade tombada, protegida, com restrições que a indústria imobiliária (veja o mais recente PPCUB) insiste em ignorar.

Brasília, quando foi construída, representou a capacidade criativa do povo brasileiro. E o mundo nos invejou, maldizendo Brasília com cidade-maquete por ter sido construída em um, então, país em desenvolvimento. E foram operários mal treinados, vindos de áreas rurais, os heroicos candangos, que ergueram este monumento vivo, simbolizando a nossa ousadia. Infelizmente essa ousadia burocratizou-se. Hora de resgatar a coragem de propor soluções efetivas, por exemplo, para a crise no nosso sistema de transporte público, que dá um outro nome a Brasília: Cidade do Automóvel. Voltando à questão da arte como forma de dissociação de Brasília e o poder.

A arte quebra a lógica racional e muitas vezes autoritária que marca a imagem da nossa cidade no inconsciente coletivo nacional. Os festivais, os coletivos independentes, os eventos colaborativos, na maioria das vezes à margem das instituições oficiais, questionam a ordem espacial e social ditada pelo poder. A arte desloca o olhar do espectador para intervenções urbanas, abre rachaduras no concreto das narrativas oficiais, por onde passa a poesia, a música, o gesto, a forma... A arte ocupa a cidade de forma criativa, resignifica-a, revelando uma nova cartografia por meio da arte urbana, reinvindicando nosso direito à cidade. Resumindo, a arte é uma linguagem que escapa ao controle oficial, revelando uma cidade-capital contraditória, múltipla, caleidoscópica.

Queremos uma cidade de afetos, e não de setores. Tudo bem, Brasília também é poder. Mesmo que não a mereça. Fruto da generosidade de seus fundadores, Brasília foi pensada como uma cidade socialista fundada em um pais capitalista. O resultado: a cidade brasileira com maior desigualdade social. Com maior renda per capita do pais e também com índices de pobreza que ultrapassam a indignação, iceberg exposto do nosso fracasso enquanto sociedade que se quer cristã, igualitária e justa.

Ainda temos um longo e doloroso caminho a percorrer. Já começamos a caminhada.